A Análise de Conjuntura: Mapeamento de Construção de Cenários em Relações Internacionais no Brasil

Ana Beatriz Slomski Oliveira[1]

Resumo: O artigo produzido busca analisar e entender a técnica de construção de cenários para um uso adequado desta ferramenta dentro da área de Relações Internacionais. Através de uma investigação teórica sobre cenários, da teoria das relações internacionais e do mapeamento de universidades brasileiras que estudam ou produzem cenários prospectivos, a pesquisa busca demonstrar de que forma esta técnica se faz útil dentro da teoria da política internacional.

Palavras-chave: cenários prospectivos, conjuntura, relações internacionais, tomada de decisão.

1 Graduanda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email para contato: slomskiana@gmail.com / slomski.ana@ufsc.br

1 Introdução

O artigo consiste no mapeamento e análise da produção de construção de cenários em universidades brasileiras que possuem a graduação de Relações Internacionais e é resultado de uma pesquisa de iniciação científica de dois anos. O artigo foca no mapeamento de grupos ou núcleos de estudos que pesquisam ou produzem cenários prospectivos. As universidades analisadas, públicas e privadas, foram selecionadas por fornecerem o curso de Relações Internacionais, pois este artigo tem como objetivo demonstrar a utilidade da técnica de cenários dentro desta ciência social e da política externa brasileira.

O objetivo da construção de cenários é tentar, através das condições e realidades presentes, estudar e analisar possibilidades do que pode ocorrer no futuro para que haja uma tomada de decisão mais segura. No intuito de demonstrar a importância da técnica dentro das RI, a pesquisa buscou em correntes teóricas da área justificativas para um uso mais regular da técnica de cenários por analistas das relações internacionais, bem como por tomadores de decisões que envolvem o âmbito da política internacional. As fundamentações teóricas dos dois objetos de estudo são essenciais para justificar a utilidade de cenários prospectivos dentro deste meio.

2 Uma Conceituação de Análise de Conjuntura ou Cenários Prospectivos

A ideia da Análise de Conjuntura e seu conceito é um estudo relativamente recente e que vem sendo incorporado cada vez mais por planejadores, empresas, órgãos públicos e privados, além de governos. As técnicas utilizadas para a construção de cenários são diversas, vistas erroneamente por alguns como ferramenta para predizer o futuro. Entretanto, sua finalidade é auxiliar o tomador de decisão a realizar a melhor deliberação possível para determinado objetivo. Os estudos prospectivos constituem um campo da atividade intelectual e política relacionado a todos os setores da vida social, econômica, política e cultural. Têm como principais objetivos auxiliar organizações e governos em seus processos de gestão, como ferramenta de planejamento estratégico de médio e longo prazo (THIESEN, 2009).

No decorrer do artigo serão apontadas atores que utilizam a ferramenta de cenários em tomadas de decisão e de gestão. Entre elas estão as instituições das Forças Armadas Brasileiras e o próprio governo brasileiro, em alguns níveis, por meio de políticas e de suas empresas estatais. O Brasil é um país que, mesmo que tenha vivido diversas incertezas e fatos históricos singulares desde sua independência, não conseguiu consolidar ainda uma tradição nos estudos de autoanálise e de planejamentos de longo prazo frente a tomadas de decisão, como apontam Negri e Hulse (2012) e Oliveira (2014) em seus artigos. Essa questão é trazida pelo artigo com o intuito de comprovar que a técnica de construção de cenários tem grande potencial de suprir essa necessidade de maior previsibilidade para tomadas de decisões, para que existam escolhas mais seguras para os atores brasileiros e para que o futuro deixe de ser tão indefinido e aleatório.

Essa pesquisa ocorre dentro de um contexto de incertezas na conjuntura brasileira doméstica e em uma realidade internacional hostil para a cooperação e afirmação de direitos básicos para minorias. Após o impeachment da então Presidenta Dilma Rousseff, da ascensão de políticos e partidos pelo mundo que propagam intolerância e fascismo, é essencial que se estudem de que forma decisões de alto nível afetarão todos os setores de diversas nações. São essas realidades que fazem, também, necessário o desenvolvimento de técnicas que tornem os ambientes menos incertos para quem toma as decisões e para quem sofre a consequência destas.

A pesquisa, realizada dentro do curso de Relações Internacionais[2], foi pensada para se tornar uma fonte de suporte sobre o que são os cenários e sua importância principalmente nas Relações Internacionais do Brasil. É importante que se crie a cultura do uso dos cenários desde a graduação do analista em relações internacionais, pois se trata de uma ferramenta que não é inerente ao campo e é de grande auxílio para deliberações e elaborações de grande impacto. Além disso, é uma forma de acompanhar e comprovar previsões no âmbito da política internacional que facilitam a compreensão de analistas em relações internacionais sobre o mundo, bem como ajudar a reconhecer o papel do Brasil dentro de determinadas situações no sistema internacional.

2 Agradecimentos para o então estudante de mestrado em Relações Internacionais da UFSC, Guilherme Mattos pelo auxílio teórico para a construção do artigo.

3 A Metodologia e Eficácia deste Método em Tomadas de Decisões

Um tomador de decisão deve estar extremamente informado, pois é de cada ação sua que virão os custos, os benefícios e os prejuízos diante de um objetivo buscado. Para que o processo de decisão seja mais eficaz e eficiente é muito importante que o ator entenda e controle no maior nível possível o ambiente no qual atua (MORITZ *et al.*, 2009, p. 2 *apud* NEGRI; HULSE, 2012, p. 171). A área de construção de cenários é ampla em técnicas e métodos que auxiliam no planejamento e nas escolhas frente a situações possíveis ou imprevistas.

Ao longo do desenvolvimento desta técnica dentro de cada país e contexto socioeconômico, foram-se formando escolas e vertentes de desenvolvimento de cenários. A diferença entre elas se encontra em alguns conceitos e nos tipos de cenários que podem ser produzidos. Mesmo assim, o objetivo final é sempre auxiliar o tomador de decisão a se precaver diante de situações inesperadas e alcançar a realidade desejada com o menor número de prejuízos possível.

A técnica que a empresa ou organização irá utilizar depende das metas que serão estabelecidas, os prazos para que tais pontos sejam atingidos e de quais ferramentas o tomador de decisão depende para alcançar tais objetivos. As diferentes escolas e técnicas existem diante da necessidade de se encontrar a melhor forma de formatar esses cenários frente à realidade e metas dos indivíduos. A Tabela 1 nomeia e explica de forma sucinta as escolas predominantes dentro do *know-how* de cenários prospectivos ao longo do seu desenvolvimento mundial.

[

Tabela 1 – Escolas de Construções de Cenários Prospectivos e Definições

Escolas	Tipos e Definições
Cenários Extrapolativos e Normativos: Erich Jantsch	• Cenários Extrapolativos usam dados referentes ao passado e ao presente, tendo em vista o que é possível e provável. • Cenários Normativos são projetados do futuro para o presente, retornando ao futuro novamente. • Cenários Extrapolativos podem ser também Normativos quando, além de contemplar o que é possível e provável, contemplam o que é desejável.
Cenários Prováveis e Desejáveis: Escola Francesa	• Cenários Prováveis correspondem ao que acontecerá no futuro, a partir do conhecimento das atividades dos atores. • Cenários Desejáveis indicam o horizonte para o qual se deve direcionar os esforços quando se quer que as coisas se modifiquem significativamente e quando pretende-se ir além dos prognósticos do cenário provável, provendo uma solução para os problemas que emergem do sistema.
Cenários de Primeira e Segunda Geração: Escola Shell-SRI	• Cenários de Primeira Geração são usualmente exploratórios e possuem as seguintes características: ajudam a obter um melhor entendimento da realidade e são capazes de levantar de forma melhor as questões; não oferecem auxílio maior para a tomada de decisão; são orientados para o entendimento e não para a ação. • Cenários de Segunda Geração são baseados em uma análise sólida da realidade; eles modificam as premissas e suposições de decisões sobre como o mundo funciona e os obriga a reorganizar seus modelos mentais de realidade; são também ferramentas educacionais, pois trabalham nos mecanismos ou no mundo interno dos tomadores de decisões.

Cenários Tendenciais, Otimistas, Pessimistas e Contrastantes: H. Kahn e Estudos dos Futuros Humano e Social	• Cenários Tendenciais-Inerciais ou Cenários de Tendência: descrevem o prolongamento da situação presente – o que é presente agora. Não pressupõem mudanças, como se tudo fosse continuar constante, exatamente igual. • Cenários Utópicos: descrevem o melhor dos mundos possíveis, qual seria a situação ideal. Apesar de usualmente inatingível, o cenário utópico é o mais desejável, e tem uma proposta altamente didática quando mostra o que não é atingível. • Cenários Catastróficos: descrevem o pior dos mundos possíveis, piorando o que foi identificado como cenário tendencial. • Cenários Normativos: descrevem uma situação desejável e atingível que melhora o cenário tendencial, estruturando os objetivos para o futuro. São úteis para definir um certo número de metas atingíveis e razoáveis, e para definir os estágios necessários para atingir as metas. • Cenários Contrastantes: descrevem diferentes situações a partir de variações em determinadas variáveis-chave. Geralmente são o oposto do cenário tendencial, e apresentam situações extremas. São aqueles construídos como se todas as surpresas, presumidas como improváveis no momento de sua enunciação, acontecessem. Entretanto, eles não são totalmente arbitrários e focam na descoberta por meio da análise racional de relações entre fatos que podem não estar suficientemente visíveis.

Fonte: Negri; Hulse (2012) Masini e Vasquez (2000 *apud* WRIGHT *et al.*, 2010, p. 63-64)

4 O Uso de Cenários Prospectivos nas Relações Internacionais

As Relações Internacionais são, por princípio, uma disciplina multidisciplinar, cujo processo de criação, evolução e consolidação depende de suas disciplinas formativas: Direito, História, Geografia, Filosofia, Economia, Ciência Política (PECEQUILO, 2016). De forma simplificada, "essa ciência social é a disciplina que se ocupa do conjunto de relacionamentos e de interações, conflituosas e cooperativas, que os agentes sociais realizam através das fronteiras dos Estados." (SILVA; GONÇALVES, 2010).

Para autores e autoras neorrealistas e neoliberais, dois dos debates mais recentes, os estados são os atores dominantes no sistema (WENDT, 1992). Além disso, serão os Estados e só eles que irão definir as prioridades de agendas e interesses de cada país no Sistema Internacional. Entretanto, teorias críticas, positivistas,

marxistas, feministas, behavioristas e pós-modernas geraram novas abordagens ao longo da construção teórica das Relações Internacionais que apontaram novos atores estatais e não-estatais capazes de serem protagonistas em tomadas de decisões no âmbito internacional, como aponta Susan Strange (1996) ao longo do seu artigo *The Retreat of the State*. Independente da teoria que é utilizada para analisar as Relações Internacionais, é importante ressaltar que essas ações englobam decisões tanto em momentos de paz como de guerra dentro da ordem mundial.

Ao se tratar de uma área ampla e que estuda questões que ultrapassam fronteiras geográficas e culturais, o grau de imprevisibilidade de ações e decisões de atores das Relações Internacionais são diversos e possuem consequências de magnitudes distintas. Esses fatores, bem como a própria incerteza das ações humanas, são a base da importância da análise de conjuntura nos estudos internacionalistas.

Entre as correntes dominantes de Relações Internacionais o debate conversa, entre outras questões, sobre a necessidade de se criar um mecanismo que torne a política internacional e seus eventos mais previsíveis para que guerras, conflitos, violações de direitos humanos e desrespeito às leis internacionais sejam prevenidos. A manutenção da ordem no Sistema Internacional, como aponta e critica Strange (1996), é de grande importância, pois se trata de uma dinâmica anárquica entre os países e organizações internacionais que pode gerar conflitos de larga escala como as grandes guerras mundiais.

O neorrealismo estrutural de Waltz (1986) aponta a necessidade da teoria se pautar na realidade presente das Relações Internacionais para, assim, interpretar as decisões tomadas dentro da política internacional daquele momento e tentar avaliar possíveis decisões futuras. Entretanto, o próprio autor aponta imperfeições nesta teoria reducionista de paz e guerra diante das mudanças da construção de política externa dos países frente ao fim da Guerra Fria. Final que não foi através de um grande conflito, um erro de previsão da sua visão teórica, mas sim através do colapso da União Soviética.

Mesmo que tenham definido essa falha teórica de imprevisibilidade da política internacional e da impossibilidade da construção de um modelo de análise padrão frente todos os acontecimentos das Relações Internacionais, Waltz e outros autores neorrealistas não apontaram de forma específica como preencher essa lacuna na

formação e na análise da política internacional. Essa deficiência teórica, que existe antes mesmo do neorrealismo, pode ser suprida se valendo de uma metodologia científica qualitativa presente nas técnicas de construções de cenários, que pode ser utilizada tanto pelos tomadores de decisão, bem como pelos analistas de relações internacionais. Não há uma teoria dentro das Relações Internacionais que aponte o uso de cenários como algo necessário para se analisar a dinâmica internacional atual e futura, existem vários mecanismos que somados às teorias auxiliam nessa ação, como é apontado no trabalho do Grupo de Elaboração de Cenários da Unesp (2014).

A teoria base da construção de cenários, segundo Negri e Hulse (2012), defende que quanto mais incerta uma situação, mais necessário se faz sua análise para a tomada de decisão. A política internacional tem passado, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, por mudanças em seu funcionamento de grande impacto nas relações entre os Estados e dos papeis que carregam dentro da estrutura internacional, bem como demonstra Arrighi em seu livro O Longo Século XX (2006). A Guerra Fria e suas consequências tornaram o uso da construção de cenários mais recorrentes em países com *think tanks* e com indústrias multinacionais mais desenvolvidas, como os Estados Unidos e o Reino Unido.

Entretanto, o mesmo não ocorreu em regiões mais periféricas, como a América do Sul. A incorporação tardia de técnicas de prospecção em países que tiveram uma consolidação estatal democrática mais tardia ocorreu devido à ditaduras militares que impediam, como indica Macarini (2006), o acesso a informações e interpretação de decisões e de dados essenciais para uma análise de conjuntura de acordo com a realidade político-econômica das décadas de 1960, 1970 e 1980. Esse período foi marcado por implementações de modelos econômicos ortodoxos defendidos por quem estava no poder de forma autoritária, sem estudos coerentes da realidade em que o Brasil se inseria na época.

Além de questões internas, mudanças nas relações globais alteraram o papel e as políticas externas de diversos países que eram antigas colônias das potências. Esses países, posteriormente chamados de emergentes, passam a buscar maior autonomia política e desenvolvimento econômicos. As novas influências na política internacional, maior dinâmica do mercado financeiro internacional, surgimento

de novos tipos de conflitos e de agendas internacionais, novas dinâmicas entre as nações influenciaram uma nova configuração do Sistema Internacional e, com isso, gerou também um novo comportamento do Brasil no mundo e novas incertezas, mesmo que o *status quo* das grandes potências esteja preservado até o momento presente (DUARTE, 2017).

Entre esses países emergentes, o Brasil é um ator que passou a ter sua política externa mais ativa, de forma inesperada, a partir do governo de Geisel durante a ditadura militar. Neste período buscou-se a formulação de uma atuação brasileira mais independente, autônoma e flexível frente às mudanças das relações dos países dentro do Sistema Internacional com o fim da Guerra Fria e da dicotomia capitalista e socialista. Assim,:

> O declínio relativo da capacidade militar dos Estados Unidos face à União Soviética, a incorporação da China continental ao equilíbrio global de poder, a inusitada força dos países produtores de petróleo via Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), a voracidade do movimento de descolonização na África e na Ásia e suas repercussões na composição da ONU, o debate militar norte-americana no Vietnã, e a emergência da Europa e do Japão como novos centros de poder econômico. (SPEKTOR, 2004. p. 195)

Foram algumas das questões que favoreceram o Brasil a ter mais a autonomia desejada neste período. A partir deste momento, o Brasil tentou por meio de acordos e políticas externas em prol do multilateralismo se inserir mais como protagonista e não coadjuvante das decisões dentro do âmbito internacional. Uma posição mais firme permitiu que o Brasil alterasse, como aponta Rubens Duarte (2017) em seu artigo sobre o papel do país dentro da onda multilateralista, estruturas, instituições e regras que favoreciam apenas os países ricos. Mesmo que o foco do Brasil frente a esse molde de política externa multilateral tenha diminuído, diante da conjuntura interna do governo Temer e da situação internacional da perda de forças de diversas instituições, o papel da diplomacia e de decisões brasileiras tem grande peso dentro das relações internacionais a nível regional e mundial atuais.

A magnitude das consequências das ações do Brasil e dos resultados que se buscam dentro da política internacional faz com que diversas ferramentas sejam utilizadas para se chegar a uma ação mais segura possível. A construção de cenários demonstra, na sua definição por si só, ser uma técnica capaz de prover

um conforto e uma segurança necessários perante as ambições da política externa brasileira, como apontam os cenários construídos pelo Grupo de Elaboração de Cenários da Unesp (2014).

5 O Produtores de Cenários Prospectivos e Análises de Conjuntura no Brasil

Atualmente, a técnica de análise de conjuntura passa por um processo de maior incorporação do seu uso pelo governo brasileiro, por empresas, pelas Forças Armadas e pela academia. O uso de tal ferramenta se comprovou eficiente e essencial para diversos órgãos públicos, como a Agência Nacional do Cinema (Ancine)[3] que o utiliza para afirmação de metas diante de mudanças da mídia e de tecnologias. Jornais e outros meios de comunicação também levam em consideração tais técnicas perante situações atípicas dentro da política e economia brasileira e mundial para dar mais credibilidade às notícias, como é o caso do Correio Braziliense[4] e do Money Times[5] diante das eleições presidenciais brasileiras de 2018.

O tipo de tomada de decisão e de informações que essa técnica irá proporcionar também varia desde questões de segurança nacional até a maximização de lucros de corporações nacionais ou multinacionais. Não são somente organizações brasileiras, como as Forças Armadas e a petrolífera Petrobrás, que utilizam essas técnicas até os dias atuais. Empresas mais antigas como a Shell Oil e a British Petrolium, pioneiras no uso dos cenários, encontram diversos desafios como aumento de concorrência internacional, mudança no preço do petróleo e conflitos internacionais que afetam diretamente nas receitas anuais. O planejamento estratégico de cada uma através da construção de diversos realidades possíveis ainda auxiliam para que essas multinacionais não tenham surpresas ao longo da implementação de suas metas.

3 ANCINE – Cenário Prospectivo 2026 – Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/cenario-prospectivo-2026>. Acesso em: 26 mar. 18.

4 LYRA, Paulo de Tarso – A Oito Meses das Eleições, Cenários Ainda estão Completamente Indefinidos – 2018 – Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/02/02/interna_politica,657351/a-oito-meses-das-eleicoes-cenarios-ainda-estao-indefinidos.shtml>. Acesso em: 26 mar. 18.

5 KAHIL, Gustavo – Eleições 2018: Veja os 14 Cenários para o Segundo Turno, segundo a CNT/MD – 2018 - Disponível em: <https://moneytimes.com.br/fast/eleicoes-2018-veja-os-14-cenarios-para-o-segundo-turno-segundo-cntmda/>. Acesso em: 26 mar. 18.

No âmbito da segurança, o Ministério da Defesa, além das divisões em cada uma das forças (Marinha, Aeronáutica e Exército) possuem em vários setores centros de estudos estratégicos voltados para a construção de cenários e análises de conjuntura de situações e questões que possam afetar a segurança e capacidade de ação das Forças Armadas Brasileiras. O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx)[6] tem como objetivo estudar e propor políticas e estratégias de nível militar, bem como acompanhar e avaliar, no nível nacional, políticas e estratégias ligadas aos interesses da Força (CEEEx, 2015). Além disso, diante da atual política do Ministério da Defesa, o CEEEx busca realizar tais pesquisas com o auxílio de órgãos governamentais e de meios acadêmicos. A este órgão está subsidiado todo o planejamento estratégico do Exército.

Mesmo que a construção seja aplicada e utilizada por diversos órgãos como forma de planejamento e ferramenta para tomadas de decisão, tal amplitude de meio não se aplica de forma igual para a produção acadêmica atual. Tradicionalmente, a área de análise de conjuntura para planejamento está atrelada à gestão administrativa de empresas e órgãos. Por isso, instituições como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Anpad) possuem mais produções de cenários e aprofundamentos teóricos sobre o campo do que áreas como Relações Internacionais, Ciência Política e Economia.

Entretanto, isto não elimina a grande importância que esse ramo pode ter em tomadas de decisão de todas essas áreas. A crescente necessidade de centros de estudos estratégicos dentro de órgãos públicos, além de parcerias crescentes com acadêmicos de diversas graduações incentiva uma ampliação de abordagens da ferramenta.

6 Mapeamento dos Centros de Produção de Cenários Prospectivos

A produção deste artigo se dá através de uma pesquisa dentro de uma graduação de Relações Internacionais, portanto, seu foco é mostrar centros de pesquisa dentro da área de política internacional, economia internacional e de

6 CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO BRASILEIRO – Núcleo de Estudos Prospectivos – 2015. Disponível em: <http://www.ceeex.eb.mil.br/index.php/nep>. Acesso em: 02 abr. 2018.

tópicos considerados universais, como o meio ambiente, fome e desenvolvimento socioeconômico. Foram analisadas instituições públicas e particulares que oferecem o curso em Relações Internacionais e constam no mapa grupos dedicados à análise de conjuntura vinculados à graduação.

A intenção é mostrar os locais dentro da academia que possuem produção de cenários por meio de diversos mecanismos como grupos de estudos, revistas, grupos de análise de conjuntura, entre outros. A ampliação de cursos de Relações Internacionais fora do eixo Brasília – Rio de Janeiro é recente e fez parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão de Universidades Federais (Reuni)[7] iniciado em 2003.

7 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – O que é o REUNI – 2010 – Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. Acesso em: 26 mar. 18.

Imagem 1 - Universidades que Pesquisam ou Produzem Análises de Conjuntura

Abaixo, a Tabela 1 faz um comparativo com as informações básicas de cada grupo ou núcleo de pesquisa. É perceptível uma concentração de produção e conhecimento em universidades do sul e sudeste brasileiro, mesmo que tenha havido uma ampliação de universidades. O agrupamento de investimentos e iniciativas de pesquisa, ensino e extensão em Relações Internacionais está vinculado a regiões mais tradicionais, internacionalizadas e em estados economicamente mais ricos. O mapeamento foi feito com o objetivo de identificar os locais em que se estudam cenários prospectivos, entretanto não foi possível averiguar as escolas da técnica que são utilizadas por cada grupo e nem os principais temas que são normalmente abordados.

Tabela 2[8] - Comparação dos Grupos de Pesquisa de Acordo com a Região e Área de Pesquisa

Grupo ou Núcleo de Pesquisa	Instituição	Região do Brasil	Área de Pesquisa	Formas de Divulgação das Produções
ISAPE	UFRGS	Sul	Relações Internacionais	Cursos, eventos, artigos e livros
Análise de Conjuntura Política	UFSM	Sul	Ciências Sociais	-
IHU	Unisinos – São Leopoldo	Sul	Diversas	Extensão e assessoria
Conjunturi	UFPel	Sul	Relações Internacionais	-
IELA	UFSC	Sul	Diversas	Encontros, seminários, simpósios, jornadas, entre outros
NESSOP	UFSC	Sul	Serviço Social	Práticas sociais, debates, mobilizações, assessorias, extensão e sala de aula
LARI	Univali (Balneário)	Sul	Relações Internacionais	Artigos e extensão
ILAESP	UNILA	Sul	Diversas	Atividades acadêmicas
GACInt	USP	Sudeste	Relações Internacionais	Revista
NACI	PUC-SP	Sudeste	Ciências Sociais e Economia	-
Fórum de Análise de Conjuntura	Unesp (Marília)	Sudeste	Ciências Políticas e Econômicas, Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia	Debates, palestras, mesas-redondas e cine-debates
Programa Sem Diplomacia	Unesp (Marília)	Sudeste	Relações Internacionais	Artigos, podcasts, videocasts e livros

8 Tabela relaciona os grupos de forma simplificada para melhor entendimento da concentração de pesquisa na área em determinadas regiões brasileiras.

Grupo de Análise de Conjuntura Internacionais	UniSantos	Sudeste	Relações Internacionais	-
Análise de Conjuntura e Elaboração de Cenários Macroeconômicos	UFRJ	Sudeste	Economia	-
OPSA	UERJ	Sudeste	Relações Internacionais	Banco de dados
UFFDefesa	UFF	Sudeste	Defesa	Estudos, pesquisas, promoção de cursos e eventos acadêmicos, formulação de estratégias e políticas públicas
O Cosmopolítico	UFF	Sudeste	Relações Internacionais	A revista publica textos acadêmicos, literários, charges, etc
Grupo Conjuntura Internacional	PUC-Minas	Sudeste	Relações Internacionais	Blog e revista acadêmica
NESP	PUC-Minas	Sudeste	Diversas	Cursos, seminários, encontros, livros, cartilhas, livretos, vídeos e textos eletrônicos
LARI/PET-Rel	UnB	Centro-Oeste	Relações Internacionais	Ensino, pesquisa e extensão
PET-Economia	UnB	Centro-Oeste	Economia	Artigos científicos, textos, uma revista
Boletim de Conjuntura	UFS	Nordeste	Economia	Revista online
GAC	UFPB	Nordeste	Economia	Coluna no jornal estadual e blog

Fonte: Elaboração da Autora.

7 Conclusão

A construção de cenários ou análise de conjuntura é uma ferramenta que é cada vez mais utilizada em diversos meios para tomadas de decisões mais seguras diante de sua eficácia em prevenir circunstâncias indesejadas. Sua função e aplicabilidade a tornaram uma ferramenta empregada nas áreas privada, pública e das forças armadas não só no Brasil, como em todo o mundo.

É perceptível o uso da técnica de cenários como uma forma de suprir uma necessidade de maior segurança para processos de resolução e planejamento que diversas teorias acadêmicas e métodos não conseguiram, ao longo das últimas sete décadas, suprir. Os cenários tornam o futuro menos temeroso e imprevisível diante da necessidade de atingir objetivos claros e necessários para um país, instituição ou empresa.

Entretanto, a falta de maiores estudos e produções metodológicas da técnica faz com que seu uso seja limitado. Atores das relações internacionais tendem a ter contato com cenários através da carreira profissional em órgãos governamentais, empresas multinacionais, forças armadas e não durante a formação acadêmica nas universidades. Mesmo assim, este quadro pode se alterar no futuro ao analisar a quantidade de novas universidades fora das grandes metrópoles brasileiras e a existência de grupos que pesquisam análise de conjuntura em diversos estados.

Apesar disso, através do mapeamento feito na pesquisa de universidades brasileiras que possuem graduação em Relações Internacionais, percebe-se uma concentração de estudos e produção de cenários na região sul e sudeste do país. Mesmo que já tenha se comprovado a eficiência dessa ferramenta, o ensino e incentivo ao estudo deste *know-how* ainda é tímido e deveria ser maior frente aos fomentos à educação por parte do governo brasileiro.

Além de questões estruturais, os estudos e a produção de cenários prospectivos poderiam avançar e se consolidar dentro do Brasil se pesquisadores do meio divulgassem mais suas produções e promovessem, assim, uma maior troca teórica. O mesmo vale para instituições públicas, privadas ou das forças armadas que realizam a construção de cenários. O fortalecimento do intercâmbio de informações entre esses ramos poderia tornar tomadores de decisões brasileiros mais conscientes de

suas decisões. Ao analisar mais a fundo a Tabela 2, percebe-se também que quando divulgados, os estudos de cenários dos grupos universitários ficam limitados ao meio acadêmico, impedindo um maior debate e conhecimento da técnica por parte de estudantes de outras cidades e de tomadores de decisão de outros meios.

Por fim, através dos embasamentos teóricos e metodológicos, somados ao breve contexto histórico do surgimento da análise de conjuntura, é perceptível um maior uso da ferramenta por parte de estudiosos, empresas, órgãos e setores governamentais. Esse crescimento é feito de forma mais lenta e tardia no Brasil, mas não elimina a existência de novos campos de debate e construção deste método de compreensão da realidade contemporânea.

Conjunctural Analysis: Mapping the Scenarios Building in the International Relations in Brazil

Abstract: this article writen seeks to analyse and understand the technique of future scenarios for the proper use of this tool in the International Relations area. Through a theorical study about scenarios, the theory of international relations and the mapping of Brazilian universities that study or produce future scenarios, the research seeks to demonstrate how this technique is useful to the theory of the international politics.

Key words: future scenarios, conjunctural, international relations, decision-making.

Referências

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX***.** Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

DUARTE, Rubens. *The Role of Brazil in the Multilateral Financial System:* an Analysis of Domestic and Structural Factors (2003-2015). Revista Brasileira de Ciência Política**.** São Paulo, v.11, n.3, e4, 2017.

MACARINI, José Pedro, *A Política Econômica do Governo Costa e Silva 1967-1969*. 2006. Artigo – Unicamp, Campinas, 2006.

NEGRI, Marlon; HULSE, Wanderley Horn. A Ferramenta de Prospecção de Cenários no Processo de Tomada de Decisão. In: JACOBSEN, Alessandra de Linhares; OLIVO, Luis Carlos Cancellier de; ORGANIZADORES. *O Judiciário Catarinense na Perspectiva dos seus Servidores – Volume 3.* 3. ed. Florianópolis: Funjab, 2012. Cap. 7. p. 163-189.

OLIVEIRA, Adriano. *Análise de Conjuntura:* Conceitos e Aplicações. Belo Horizonte: Universidade Federal de Pernambuco, 2014. 11 p.

PECEQUILO, C. S. *Teoria das Relações Internacionais:* O Mapa do Caminho: Teoria e Prática. Rio de Janeiro. Editora Alta Books, 2016

PROSPECTIVOS, Grupo de Elaboração de Cenários et al. *Do Eldorado à Selva:* Cenários da Integração Sul-Americana até 2030. São Paulo: Unesp Cultura Acadêmica, 2014.

SILVA, G. A.; GONÇALVES W. *Dicionário de Relações Internacionais***.** 2ª Edição Revista e Ampliada. Barueri, São Paulo. Editora Manole, 2010

SPEKTOR, Matias. *Origens e Direção do Pragmatismo Ecumênico e Responsável (1974-1979).* Revista Brasileira de Política Internacional. Nº 47, p. 191-222, 2004.

STRANGE, Susan. *The Retreat of the State:* The Difusion of Power in the World Economy. Cambridge Studies in International Relations. University of Warwick. 1996.

THIESEN, Juares da Silva. *Método para a Construção e Análise de Cenários Prospectivos em Planejamento Educacional Baseado na Gestão do Conhecimento.* 2009. 161 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Cap. 22.

WALTZ, Kenneth. N. *Reductionist and Systemic Theories.* In: KEOHANE, Robert O. (Org.) Neorealism and Its Critiques. Nova Iorque: Columbia University Press, 1986.

WENDT, Alexander. *A Anarquia é o que os Estados fazem dela:* a Construção

Social da Política de Poder. Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.2. n.3, jan./jun., 2013. Tradução: Rodrigo Duque Estrada.